



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
  
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

CARMINA LEMOS DE OLIVEIRA

**O GÊNERO CONTO COMO PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO ESCRITA:  
uma sugestão de sequência didática para o 9º ano do Ensino Fundamental**

TOMÉ-AÇU/ PA  
2018

CARMINA LEMOS DE OLIVEIRA

**O GÊNERO CONTO COMO PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO ESCRITA:  
uma sugestão de sequência didática para o 9º ano do Ensino Fundamental**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal do Pará polo de Tomé – Açu,  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
licenciada em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Raimunda Dias Duarte

CARMINA LEMOS DE OLIVEIRA

**O GÊNERO CONTO COMO PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO ESCRITA:  
uma sugestão de sequência didática para o 9º ano do Ensino Fundamental**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará / Campus de Abaetetuba / Polo de Tomé-Açu e aprovado em sua forma final em: 29 de maio de 2018.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Raimunda Dias Duarte  
Orientadora

---

Prof. ° Dr. Geovane Silva Belo  
Examinador

---

Prof. ° Me. Maurílio Salgado Nogueira  
Examinador

**O GÊNERO CONTO COMO PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO ESCRITA:  
uma sugestão de sequência didática para o 9º ano do Ensino Fundamental<sup>1</sup>**

Carmina Lemos de Oliveira<sup>2</sup>

Raimunda Dias Duarte<sup>3</sup>

**RESUMO**

No presente artigo, busca-se propor uma intervenção pedagógica em turma do 9º. ano. O objetivo geral do trabalho é desenvolver, no aluno, a produção escrita e a análise linguística por meio do gênero conto. Para alcançar esse objetivo, pretende-se compreender as características estruturais, linguísticas e discursivas do gênero conto; explorar a compreensão e a interpretação do conto ‘A missa do galo’, de Machado de Assis; analisar o uso dos pronomes pessoais no gênero estudado e desenvolver uma produção escrita a partir do estudo do gênero conto. O trabalho tem como base teórica os trabalhos desenvolvidos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011); acerca da sequência didática; o gênero, na perspectiva de Bakhtin (1997); o gênero conto, a partir de Moisés (2006); as orientações gerais dos PCN (1998) sobre o ensino de língua portuguesa; as orientações sobre produção escrita e análise linguística de Antunes (2009 e 2014). O trabalho será desenvolvido por meio de uma sequência didática distribuída em vinte e duas aulas. Após a execução do projeto de intervenção, espera-se que o aluno saiba usar, em situações reais de comunicação, o conhecimento construído acerca do uso dos pronomes; reconhecer o gênero conto nas diversas práticas discursivas e produzir um conto de acordo com a estrutura composicional do gênero.

**Palavras-Chave:** Conto. Gênero textual. Sequência didática. Produção escrita. Pronomes.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

<sup>2</sup> Concluinte do curso de Letras/português pela Universidade Federal do Pará. carmimlemos@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Doutora, da Universidade Federal do Pará campus de Abaetetuba. rayduart@ufpa.br.

## Introdução

O ensino de Língua Portuguesa é alvo de constantes debates e discussões no que concerne ao modo de como esse ensino vem sendo abordado nas salas de aulas, principalmente em relação às questões de produção textual e análise linguística, tendo em vista os pressupostos teóricos que norteiam o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. Em consequência desses estudos, um novo olhar para o ensino de língua se faz necessário para que o estudo tenha como princípio os usos da língua nas diversas atividades comunicativas.

A elaboração do presente trabalho de conclusão de curso surgiu em função da observação de quatro aulas de português em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola pública do município de Tomé-Açu, durante a disciplina Estágio I. Tivemos a oportunidade de ir para dentro de uma sala de aula observar como os conteúdos de Língua Portuguesa estavam sendo abordados, no que concerne à produção escrita e à análise linguística.

Durante a vivência na sala de aula, observou-se que os conteúdos de língua portuguesa eram ensinados de forma descontextualizada das práticas reais de interação comunicativa. A professora estava trabalhando com o assunto classes de palavras (pronomes). No início da aula, ela comunicou à turma que daria continuidade ao assunto das aulas anteriores, porém, nessa aula, os alunos iriam ver os pronomes, visto que já tinham vistos outras classes de palavras. Então, a aula iniciou-se com a professora fazendo uma tabela no quadro com os pronomes pessoais do caso reto, oblíquos átonos e oblíquos tônicos. Os exemplos utilizados para o assunto foram frases soltas, totalmente mecânicas, isto é, atividades que não fazem sentido para os alunos, visto que os exemplos utilizados não ocorrem por meio de textos, em que se possa refletir sobre os usos dos elementos linguísticos. Ou seja, atividades não relacionadas com textos autênticos que possibilitem ao aluno a reflexão sobre o uso da língua.

O ensino da língua fora de contexto não oferece os mecanismos necessários para que os alunos se tornem linguisticamente competentes para atuarem nas diversas situações comunicativas que lhe forem propostas. Em relação ao estudo dos pronomes, Antunes (2009) enfatiza que o ensino mecânico adianta muito pouco para os alunos. O ideal é que o ensino vise a compreensão dos usos desses elementos em gêneros orais e escritos, formais e informais em situações reais de comunicação. Ou seja, um ensino em que os assuntos

debatidos sejam tratados de uma maneira que parta do estudo de textos reais, e não por meio de frases artificiais, inventadas, que não acontece em nenhuma atividade de linguagem.

Observou-se que durante as aulas de português a produção escrita não é rotina. A professora informou que a escola tem um cronograma de atividades a ser cumprida e o livro didático contempla todos os assuntos que são exigidos no decorrer do ano letivo. Com base nas aulas que estavam sendo explanadas, pode-se concluir que os assuntos abordados nas aulas não têm como eixo o texto, como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL, 1998) e o estudos desenvolvidos por Antunes, (2009 e 2014). Assim, as atividades de produção escrita e análise linguística devem partir sempre de textos reais que tenham uma circulação. Antunes (2014) afirma que as atividades de gramática devem ser contextualizadas, visto que toda gramática faz parte de um determinado contexto discursivo, ou seja, não existe gramática sozinha, separada das situações discursivas. Toda gramática faz parte de um dizer que se estabelece por meio de textos orais ou escritos.

Nessa perspectiva, sabe-se que um indivíduo linguisticamente competente é aquele que sabe utilizar a língua de acordo com cada interação social, isto é, saiba se comunicar tanto em contextos orais como escritos. Os PCN, (BRASIL, 1998) afirmam que a escola tem papel fundamental nesse processo, visto que é dever da escola inserir os alunos em diversas práticas comunicativas para que possam ter contato com uma variedade de gêneros textuais orais e escritos, proporcionando assim, conhecimentos que darão ao aluno suporte para interagir e posicionar-se criticamente em contextos sociais de interação. Nesse contexto, a atividade de escrita é de suma relevância para que os alunos saibam produzir textos de acordo com as particularidades de cada gênero.

O ensino focado em frases soltas totalmente descontextualizadas não oferece o suporte necessário para desenvolver, nos alunos, as habilidades necessárias de leitura e escrita, atividades essas que deveriam ser prioritárias no ensino de língua. Para Antunes (2009), esse ensino mecânico encontra respaldo na visão distorcida de que o ensino de língua deve ser voltado para os aspectos da dita “norma padrão”. Não que não seja importante ensinar essa modalidade de uso da língua. Porém, esse ensino geralmente parte dos elementos classificatórios e de nomenclaturas gramaticais, que ainda são vistos por muitas pessoas e até mesmo por professores como a única maneira de se ensinar, acreditando assim, que as atividades de ensino de língua a partir de regras mecânicas oferecem os elementos necessários para que os alunos consigam, de maneira eficaz, ler, falar, refletir e escrever de modo autônomo.

Nessa concepção, Antunes (2009) ressalta que os textos, quando introduzidos nas aulas, acabam servindo apenas como pretexto para que sejam feitos exercícios de classificação gramatical e nomenclaturas, como por exemplo as do tipo: retire do texto os adjetivos, classifique os pronomes etc. O texto é exposto ao aluno de maneira superficial, sem que este saiba, por exemplo, o contexto de produção deste texto, o gênero a que pertence, sua estrutura e características, ou seja, não há um ensino voltado para produção e compreensão de determinado gênero. Para a autora, outro equívoco que acontece é quando o professor pede para que os alunos escrevam um texto, isso quando pedem, sem definir qual é o gênero textual que os alunos deverão produzir. Isso acaba tornando a prática da escrita como algo artificial em que prevalece a concepção de que basta saber gramática para que se consiga ler, falar e escrever de maneira eficaz nas situações de interlocução.

Desse modo, partindo do que foi observado na sala de aula, propôs-se realizar um plano de intervenção para que o ensino seja pautado a partir de um panorama que a centralidade do ensino seja o ensino de gêneros textuais alicerçado em contextos reais de uso da língua, para que, assim, também seja explorada a análise linguística sob o ponto de vista da reflexão dos usos da língua.

A temática desse trabalho é de suma relevância para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que ele se constitui como instrumento para auxiliar a prática docente e desenvolver nos alunos práticas comunicativas a partir do ensino de um gênero textual. O objetivo geral do trabalho é desenvolver, no aluno, a produção escrita e a análise linguística por meio do gênero conto. Para alcançar esse objetivo, pretende-se compreender as características estruturais, linguísticas e discursivas do gênero conto; explorar a compreensão e a interpretação do conto 'A missa do galo', de Machado de Assis; analisar o uso dos pronomes pessoais no gênero estudado e desenvolver uma produção escrita a partir do estudo do gênero conto. O trabalho tem como base teórica os trabalhos desenvolvidos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), acerca da sequência didática; o gênero, na perspectiva de Bakhtin (1997); o gênero conto, a partir de Moisés (2006); as orientações gerais dos PCN (1998) sobre o ensino de língua portuguesa; as orientações sobre produção escrita e análise linguística de Antunes (2009 e 2014).

Com a realização desse trabalho, pretende-se propor caminhos possíveis para o ensino de língua portuguesa. Um ensino em que o centro das discussões seja a produção textual, ou seja, um ensino que busque desenvolver nos alunos competências linguísticas para que estes possam tornar-se sujeitos autônomos capazes de posicionar-se criticamente em torno dos contextos de uso da língua.

Desse modo, Propôs-se um ensino que será desenvolvido por meio de uma sequência didática nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011). O projeto tem como proposta desenvolver a produção escrita a partir do gênero conto, tendo como texto basilar o conto “Missa do Galo” do autor Machado de Assis e como proposta para análise linguística o uso dos pronomes pessoais. No final dessa aprendizagem, os alunos deverão realizar a produção escrita de um conto no que tange aos conhecimentos apreendidos em sala de aula relacionados à estrutura composicional do gênero conto.

Este trabalho está disposto em: a) Orientação teórico-metodológica sobre os pressupostos teóricos que alicerçam o estudo; b) Quadro dos conteúdos da sequência didática; c) Condução metodológica, a qual será desenvolvida por meio do procedimento sequência didática como proposta de intervenção e d) Quadro de atividades e avaliação dos conhecimentos adquiridos a partir dos assuntos abordados.

## **1. Condução Teórico-Metodológica**

Nessa etapa, discute-se sobre os pressupostos teóricos que dão sustentação a este trabalho. Assim sendo, será discutido sobre os gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN,1997), o gênero conto a partir da visão de Moisés (2006), procedimento da sequência didática sob os pressupostos teóricos de Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2011) e as orientações gerais para o ensino de língua portuguesa pautadas nos PCN (1998) e Antunes (2009 e 2014).

### **1.1 Os Gêneros do Discurso**

Os gêneros do discurso, segundo Bakhtin (1997), se consolidam por toda e qualquer atividade de comunicação de utilização da língua, isto é, qualquer ato de interação comunicativa perpassa por um determinado gênero discursivo, seja ele oral ou escrito. Nessa conjectura, os gêneros existem em número significativo, diferenciando-se em suas funções e finalidade comunicativa. Isso significa que, para cada atividade de comunicação há pelo menos um gênero discursivo. Esses gêneros são formas de enunciados, concretos e únicos, que se evidenciam não só pelo conteúdo ou estilo particular, como recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas principalmente pela sua estrutura composicional. Assim, os enunciados orais ou escritos são formas concretas da atividade de interação sócio discursiva

que são determinados pela interação comunicativa que se estabelece e pela necessidade de o sujeito se colocar como participante ativo em um dado contexto. Isto é:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 1997, p.280).

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são marcados por três categorias, que são, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo. Esses elementos se fundem em um todo do enunciado, que são marcados pela especificidade de uma dada esfera comunicativa. O conteúdo temático está relacionado com a finalidade atribuída por determinado gênero do discurso. Esse conteúdo temático se delinea conforme a situação e o propósito da atividade de interação. A estrutura composicional é responsável pela organização da materialidade discursiva dos gêneros do discurso, ou seja, os gêneros são marcados por uma estrutura relativamente determinada, que se configura de acordo com a atividade comunicativa. Quanto ao estilo, esse reflete os recursos linguísticos utilizados por parte do enunciador. Isto é, o uso dos diversos recursos que a língua oferece, contudo, esses recursos são limitados pelas esferas de interação. Para Bakhtin, (1997) essas esferas das atividades de linguagem são inesgotáveis, e para cada esfera comunicativa é estabelecida um determinado gênero discursivo que vai se diferenciando e se moldando de acordo com a complexidade do enunciado. O autor evidencia também a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que vão desde a réplica do cotidiano que pode se diferenciar a depender de seu tema e dos interlocutores envolvidos no processo. Ou seja, os gêneros do discurso perpassam todos os processos de interação até mesmo “as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso).” (BAKHTIN, 1997, p.281). Assim, os gêneros do discurso são atividades diversas de interação que são estabelecidas a partir de uma dada esfera comunicativa.

Além disso, no estudo dos enunciados, Bakhtin (1997) classifica os gêneros do discurso em gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários fazem parte dos enunciados considerados simples, que envolvem a comunicação espontânea (bilhete, linguagem das reuniões sociais etc.), enquanto que os gêneros secundários concernem as atividades de linguagem mais complexas que exigem uma atitude mais exaustiva por parte

do enunciador. Os gêneros considerados complexos são de natureza cultural mais elevada como os enunciados de natureza técnico-científico e principalmente o artístico literário, (conto, romance, novela, etc.). A distinção entre gêneros simples e gêneros secundários é de grande relevância visto que

[...]a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los (a trivialização extrema representada pela lingüística behaviorista). A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo. (BAKHTIN,1997, p.282)

Para Bakhtin (1997), o enunciado é composto por uma individualidade que faz parte do estilo de quem fala ou escreve. No entanto, nem todos os gêneros do discurso são propícios para refletir essa individualidade no enunciado. Isso se deve pelo fato de que alguns gêneros do discurso são determinados por uma padronização fixa, “tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc.” (BAKHTIN, 1997, p.283). O autor evidencia que os gêneros do discurso são, em sua maioria, tipos padronizados, isto é, não há possibilidade de refletir o estilo individual de cada um. Os gêneros considerados mais propícios para refletir o estilo individual são os gêneros considerados artísticos literários que são mediados pela força da expressividade literária por parte de seu enunciador. Os gêneros literários possuem diretrizes próprias, que são compostas de acordo com a necessidade comunicativa dos diferentes estilos individuais no processo comunicativo. Bakhtin (1997), afirma que cada esfera de atividade de comunicação conhece o gênero que é apropriado a uma dada situação comunicativa. Portanto, os gêneros do discurso estão em constante movimento de ampliação e renovação de acordo com a necessidade das atividades de comunicação.

No próximo item será discutido sobre o gênero conto, que foi o gênero escolhido para ser tratado na realização da sequência didática deste trabalho.

## 1.2 Gênero Conto

No que concerne aos aspectos estruturais do conto, parece que esse gênero foi o precursor das outras formas literárias, em particular a narrativa. Moisés (2006), afirma que, para alguns autores, o surgimento do conto deriva de uma época antes de Cristo. Entretanto, é

do Oriente da Pérsia e da Arábia que vêm os exemplares mais reconhecidos do conto como; [...] “as aventuras de Mil e Uma Noites, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, Simbad, o Marujo, Ali-Babá e os Quarenta Ladrões, Mercador de Bagdá, etc.” (MOISÉS, 2006, p.17).

Assim, o conto vai se consolidando e ganhando cada vez mais espaço, atingindo seu apogeu em meados do século XIX, visto que, a partir desse momento ele se torna uma forma considerada nobre. Nessa época, surgem escritores brasileiros de grande talento artístico na produção literária do gênero. Podemos citar Machado de Assis como o mestre de todos. Já no século XX, o conto ganha cada vez mais espaço e vive seu momento de glória como forma literária. Desse modo, surgem cada vez mais novos escritores de talento e a produção literária do gênero ganha cada vez mais notoriedade.

Em relação à composição do gênero, Moisés (2006) declara que o conto é composto de várias unidades. Essas unidades é que vão revelar a genuinidade do conto. O autor conceitua que “o conto é do ângulo dramático, unívoco, univalente. [...]. Portanto, gravita em torno de um só conflito, um só drama, uma só ação” (MOISÉS, 2006, p.20). Nesse sentido, o drama no conto nasce quando surge um impasse entre duas ou mais personagens, ou apenas com uma personagem com seus desejos e ambições fracassados. Para o autor, é necessário que haja esse conflito, visto que sem ele não haveria história. Assim, a unidade dramática é constituída por todos os acontecimentos dentro do conto que levam para apenas uma ação. Dessa maneira, no conto não há espaço para excessos, pois as personagens devem estar organizadas em torno de uma única direção e ao redor de um só drama.

O autor enfatiza que essa unidade de ação é que comporta todas as outras características do conto. Uma delas concerne ao espaço por onde circulam as personagens. Esse espaço é restrito: uma casa, uma rua, um quarto etc. para o enredo se organizar dentro desse espaço, raramente as pessoas se deslocam para outros lugares. No entanto, quando isso ocorre, advém da necessidade de o conflito se desenrolar. Nesse caso, o espaço ocupado antes pelos personagens é neutro, ao passo que o outro se estabelece como o espaço dramático da ação. Em relação ao tempo, segue a mesma noção de espaço, isto é, em dias ou em horas, sempre marcado por esse curto lapso temporal. Desse modo, o conto não se detém em acontecimentos secundários. Às unidades de espaço e tempo deve-se acrescentar a de tom, ou seja, deve haver uma estrutura harmoniosa. O contista deve provocar no leitor uma só impressão, seja de pavor, ódio, ternura, indiferença etc. Desse modo, Moisés (2006, p.25) explica que;

[...] o núcleo do conto é representado por uma situação dramaticamente carregada; tudo o mais à volta funciona como satélite, elemento de contraste,

dramaticamente neutro. Por outras palavras, o conto se organiza precisamente como uma célula, com o seu núcleo e o tecido ao redor; o núcleo possui densidade dramática, enquanto a massa circundante existe em sua função, para que sua energia se expanda e sua tarefa se cumpra. [...]. Assim sendo, o que importa num conto é aquela (s) personagem (s) em conflito, não a (s) dependente (s); o espaço onde o drama se desenrola, não todos os lugares por onde transita a personagem, e assim por diante.

Em relação às personagens que compõem o conto, o autor afirma que são poucas as que participam da narrativa, tendo em vista as características do gênero. Moisés (2006, p.26) declara que [...] “em consequência das unidades que governam a estrutura do conto, as personagens tendem a ser estáticas ou planas: porque as surpreende no instante climático de sua existência, o contista as imobiliza no tempo, no espaço e na personalidade”. Desse modo, as personagens do conto começam e terminam a narrativa mostrando-nos apenas um lado de sua personalidade, ou seja, não há espaço para mostrar, por exemplo, a personagem com seu mau humor ao acordar pela manhã e depois mostrar, dentro do mesmo conto, a sua felicidade ao passear à tarde pelos campos floridos. O contista irá mostrar apenas um lado dessa personagem, aquele momento único em que se poderá render uma magnífica história aos olhos do interlocutor.

Em relação à estrutura do conto, o teórico afirma que corre em linhas paralelas em relação às unidades e às personagens. Assim, pode-se dizer que o conto é objetivo. Não faz rodeios. Vai direto ao ponto, sem perder tempo com delongas. Do mesmo modo, a linguagem do conto deve ser objetiva, as figuras de linguagem devem ser de fácil compreensão para o leitor, isto é, por se tratar de uma narrativa relativamente curta, o conto não deve deter-se em acontecimentos secundários como ocorre nos romances e novelas, que são compostos por vários núcleos dramáticos. No conto, há somente um núcleo, uma só ação. Portanto, o foco do conto se dá apenas entre as personagens principais da história, embora existam outras personagens, que servem apenas como coadjuvante para o desenrolar da narrativa.

De acordo com a visão de Moisés, (2006, p. 28), “dentre os componentes da linguagem do conto, o diálogo, sendo o mais importante de todos, merece que se refira em primeiro lugar”. Isto se deve ao fato de que o diálogo é a base mais expressiva da narrativa. E quando não existe o diálogo, o conto fica desinteressante. Moisés (2006), declara que os diálogos são classificados em quatro tipos, divididos da seguinte maneira:

- Diálogo direto (ou discurso direto): é quando as personagens envolvidas na narrativa falam diretamente, sem a voz do narrador. Quando isso acontece, as falas das personagens são marcadas por um travessão ou o uso de aspas.
- Diálogo indireto (ou discurso indireto): é quando as falas das personagens são reproduzidas na terceira pessoa, isto é, as personagens falam, mas essa fala é reproduzida pelo intermédio da voz do narrador.
- Diálogo indireto livre (ou discurso indireto livre): consiste na fusão da fala da personagem com a voz do narrador. Nesse tipo de discurso, a fala das personagens se insere na narrativa, por meio da qual são contados os fatos.
- Diálogo (ou monólogo) interior: é aquele que se passa apenas nos pensamentos da personagem. Esta fala consigo mesma, em uma relação dúbia.

Em relação à trama, para Moisés (2006), o conto segue uma linearidade em relação ao encadeamento dos acontecimentos que se encaminham semelhantes à vida real, ou seja, em uma ordem lógica. Com isso, as ocorrências se mostram integralmente ao leitor, mas com uma pitada de mistério que faz o interlocutor se interessar cada vez mais para desvendar o nó dramático do conto.

Quanto ao ponto de vista, Moisés (2006), declara que este constitui o elemento ao qual a história é contada. Nessa perspectiva, pode ocorrer da seguinte forma: “a personagem principal conta sua história, uma personagem secundária conta a história da personagem central, o escritor, analítico ou onisciente, conta a história, o escritor conta a história como observador” (MOISÉS, 2006, p.33).

Sob esse panorama, Moisés (2006), observa que, quando a personagem principal conta a história, ele se utiliza da primeira pessoa (do singular ou plural) para narrar. Desse modo, a narrativa é limitada à visão do narrador, que também é personagem interessada na história. E, ao narrá-la, poderá deixar transparecer seu ângulo pessoal sobre os fatos. Além disso, o narrador dispensa muita atenção a si próprio, deixando as outras personagens em segundo plano. Na visão do autor,

Tal individualismo pode comprometer a plausibilidade psicológica da história, pois o narrador tende a oferecer-nos de si uma imagem sempre otimista e dos outros sempre negativa, ou menos boa; juiz em causa própria, e, portanto, incapaz de analisar os fatos com isenção de ânimo. Pode até ocorrer que se julgue centro da fabulação por mero egoísmo, que o impede de atentar para o drama vivido contemporaneamente pelos outros participantes (MOISÉS, 2006, p. 34).

Entretanto, para o teórico, o emprego da primeira pessoa oferece também algumas vantagens: a história parece ganhar maior veracidade, visto que é narrada por quem viveu. Aos olhos do leitor, isso confere objetividade. É como se o leitor estivesse sendo exposto aos fatos no momento da leitura, ou seja, no processamento interativo.

Quanto à narração de uma personagem secundária contando a história da personagem central, o autor evidencia que se cria uma distância entre o leitor e os fatos da narrativa, visto que, os acontecimentos se passam com uma terceira pessoa. Assim, quem conta a história foi apenas testemunha; não faz parte da narrativa. Desse modo, Moisés (2006, p. 36) declara que, “[...] por ser secundária, evidentemente seu testemunho não merece muita fé. [...] por apresentar mais desvantagens do que vantagens, o segundo foco narrativo é pouco empregado”.

Quando o narrador, analítico ou onisciente, conta a história, “o narrador torna-se verdadeiramente o demiurgo: acompanha as personagens a todos os lugares, penetra-lhes na mais recôndita intimidade, [...] “devassa-lhes o mundo psicológico, [...] conhece-lhes, enfim, as mínimas palpitações” (MOISÉS 2006, p.36). Assim, o narrador conhece as personagens de maneira profunda, penetra até em seus pensamentos, mas, devido a brevidade e objetividade do conto, ele não ultrapassa as primeiras camadas do interior das personagens.

Por conseguinte, quando o narrador conta a história como observador, fica condicionado a mero espectador, narrando apenas o que observou dos fatos. É sob essa perspectiva que o autor declara, “o escritor evita de se imiscuir na história, e desenvolve-a como observador que pôde ver muito, dentro dos limites de suas próprias deficiências de personalidade, inteligência, etc.” (MOISÉS, 2006, p.37).

Sobre os focos narrativos, Moisés (2006) faz uma importante observação de que todo ficcionista é onisciente, mesmo quando concede às personagens uma certa autonomia dentro da narrativa ou do diálogo. O escritor se utiliza dessa estratégia para narrar a história que ele próprio criou, mas que, para todos os efeitos, é narrada a partir da visão de quem conta a narrativa. É como se ele quisesse nos convencer de que a história é real e que realmente se passou em um determinado contexto.

Em relação aos tipos de conto, Moisés (2006) declara que, quando se fala em diferentes tipos de conto, não se está referindo às diferentes estruturas que compõem o conto, mas apenas às diferentes formas de uso dos elementos do conto. Assim, os contos podem ser classificados de acordo com o assunto abordado na narrativa. Para o autor, em relação a divisão dos tipos de contos, ele concorda com a visão de um dos precursores do estudo do conto, o estudioso Carl H. Grabo, que conforme o seu entendimento os tipos de

contos estão dispostos em cinco grupos: “1.º histórias de ação; 2.º de personagem; 3.º de cenário ou atmosfera (“setting or background”); 4.º de ideia; 5.º de efeitos emocionais.” (MOISÉS, 2006, p. 39). Assim sendo, o tipo de conto mais versado está ligado ao primeiro grupo, isto é o tipo de história de ação, enquanto que os demais, embora sejam abordados é menos comum que esse tipo, sendo o conto de personagens o menos trabalhado em relação aos demais.

Na próxima seção, será lançado o olhar sobre as orientações gerais para o ensino de língua portuguesa, para tanto, será dado enfoque em especial para produção escrita e análise linguística que é o foco principal das discussões do presente trabalho, tendo em vista os pressupostos teóricos elencados e as questões relativas à problemática encontrada na sala de aula que culminou com a realização desse trabalho.

### **1.3 Orientações Para o Ensino de Língua Portuguesa**

De acordo com os Parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1998), a educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva, isto é, o aluno deve tornar-se linguisticamente competente para atuar nas diversas práticas sociais. Desse modo, é de grande importância que a escola tenha consciência de seu papel de formar sujeitos autônomos, que possam desenvolver-se no contexto discursivo ao qual estão inseridos, seja por meio do uso da língua ou pela reflexão.

Os PCN enfatizam que é necessário que a escola exponha os alunos a uma diversidade de gêneros textuais, pois muitos só terão acesso aos variados gêneros na escola. Em contato com essa diversidade textual, os alunos conhecerão as diferentes formas de interação social, ou seja, diferentes gêneros que compõem as variadas atividades de interação. Dessa maneira, terão a possibilidade de ampliar seu repertório discursivo para colocar em prática os conhecimentos adquiridos e, assim, poderão interagir, compreender e produzir uma diversidade de gêneros textuais orais e escritos de acordo com o que a situação exigir.

Os PCN (BRASIL, 1998) orientam que a seleção de textos na escola deve partir sempre de textos reais que circulam nas diversas práticas comunicativas. Para isso, a escola deve priorizar os gêneros que são característicos do uso público da linguagem. É em contato com esses variados gêneros que circulam socialmente que os alunos poderão refletir sobre o uso da língua a fim de tornar-se cidadãos críticos, com plena participação em uma sociedade letrada. Assim,

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (PCN,1998, p.24).

Nessa perspectiva, Antunes (2009) evidencia que, de fato, um programa de ensino comprometido em desenvolver, nos alunos, a sua capacidade comunicativa, só pode ter como eixo o texto. Para a autora, se nas aulas de língua isso não acontece, não se evidencia o texto e suas regularidades, também não se descobre a língua como atividade interativa e funcional. Para Antunes (2009, p.57), [...] “os textos orais e escritos - suas regularidades - passariam a ser objeto de estudo das aulas de língua” [...]. Desse modo, para a autora, teria fim aquela velha prática de fazer do texto apenas o material para retirar, classificar ou circular determinada classe de palavras.

Para Antunes (2009), o professor, ao propor uma atividade de produção escrita, deve deixar claro para os alunos qual o gênero textual que estes deverão produzir, visto que o nome do gênero já aponta para o propósito comunicativo do texto. Antunes (2009, p. 58) enfatiza:

Recobriria pleno sentido também o estudo detalhado das estruturas de composição dos textos ou a sua forma composicional; quer dizer, conheceríamos que blocos compõem determinado gênero; que formas assumem e em que sequência esses blocos são distribuídos. Todo texto se concretiza numa determinada forma de construção, que engloba certa sequência de elementos, mais ou menos estipulados.

Conforme os PCN (BRASIL, 1998), as diferentes propostas para se ensinar um determinado gênero textual permitem com que os alunos se apropriem de determinadas estruturas que compõem os variados gêneros. Contudo, faz-se necessário o olhar do professor para a necessidade do que os alunos necessitam aprender para, então, selecionar estratégias didáticas mais adequadas. De acordo com os PCN, é por meio dos textos produzidos pelos alunos que o professor deverá observar o que os alunos já sabem sobre o gênero em estudo e o que eles necessitam aprender para, assim, propor ações necessárias para serem desenvolvidas no decorrer do processo de ensino e aprendizagem.

Em relação à análise linguística, os Parâmetro Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) apontam que as críticas sobre o ensino de Língua Portuguesa pautados nos tópicos gramaticais possibilitaram um novo olhar para as questões dos elementos linguísticos na prática escolar. Os estudos evidenciaram que o ensino de português, no que concerne à reflexão sobre o uso da língua, deveria ser pautado nos aspectos funcionais da língua. Assim,

creceu a preocupação em desenvolver a competência discursiva dos alunos. Nesse contexto, Antunes (2014), enfatiza que as atividades de gramática em sala de aula devem ser sempre contextualizadas, visto que, nada do que dizemos, oralmente ou por escrito, acontece fora de uma situação comunicativa qualquer. Portanto, as atividades de gramática em sala de aula devem ter como base o uso dos elementos linguístico em situações concretas de uso da língua, por meio de texto oral ou escrito.

Antunes (2014) ratifica que essa contextualização deriva de que o próprio contexto comunicativo faz parte dos sentidos que são expressos, ou seja, o contexto é parte, não é algo que existe fora do meio discursivo. Do mesmo modo, a gramática só funciona nos usos reais da língua. Para a autora, falar de gramática contextualizada é algo que parece tão óbvio, visto que a linguagem como atividade de interação nunca se dá por meio de frases soltas ou orações artificiais que são produzidas na escola apenas com o intuito de testar se os alunos conseguiram memorizar nomenclaturas e classificar as orações de acordo com a sintaxe. Trata-se de uma língua artificial. Desse modo, fica claro que “a gramática somente ocorre como parte de uma atividade verbal particular” (ANTUNES, 2014, p. 40). Para Antunes, isso implica dizer que essa gramática é a gramática dos usos, que acontece quando as pessoas falam e escrevem nos mais variados gêneros possíveis. Segundo Antunes (2014), a prática descontextualizada de análise linguística ainda hoje é a tarefa realizada em muitas escolas, que teimam em um ensino de análise e classificação de subcategorias, partindo de frases descontextualizadas, isto é, um ensino abstrato desvinculado de uma situação discursiva que faça realmente sentido para os alunos. Desse modo, Antunes (2014) ressalta que, se as línguas se realizam em uma determinada situação comunicativa, por meio de textos, então, deve-se eleger o texto e os seus componentes como o eixo de estudo de Língua Portuguesa. “A gramática – não esqueçamos – é um desses componentes. Apenas UM. Nem mesmo o componente principal” (ANTUNES, 2014, p. 43). Ou seja, é evidente que aspectos gramaticais devem ser trabalhados nas aulas de língua, mas não deve ser entendido como o ingrediente principal desse ensino. O que deve ser levado em conta é como ensinar os aspectos linguísticos de uma maneira que esteja pautada na reflexão desse uso nas atividades comunicativas. Isto é, conteúdos em que o componente principal seja tornar os alunos linguisticamente competentes para poder ter voz e vez, partindo de um ensino centrado na produção dos mais variados gêneros, para que, assim, os alunos possam desenvolver sua capacidade de produção dos mais variados gêneros textuais.

Após essas reflexões sobre as orientações para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, no próximo item será discutido o ensino tendo como foco o procedimento da

sequência didática desenvolvida pelos estudiosos Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), que foi o modelo adotado para a execução desse projeto.

## **1.4 Sequência Didática**

O procedimento Sequência Didática foi desenvolvido a partir dos estudos concebidos pelos pesquisadores Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2011), que tem como proposta um ensino de língua pautado na produção de gêneros textuais orais e escritos, partindo de um método organizado, com intuito de fazer com que os alunos sejam inseridos em uma proposta de ensino para que tenham a oportunidade de desenvolver seu repertório discursivo nas diversas práticas sociais de linguagem. Para isso, é proposto que os gêneros textuais abordados na sequência didática devem ser feitos a partir de gêneros textuais que os alunos não dominam ou sobre os quais possuem alguma dificuldade. O modelo de sequência didática proposto pelos estudiosos é composto por um determinado esquema que envolve: apresentação da situação, produção inicial, os módulos e a produção final, conforme será exposto a seguir.

### ***1.4.1 Apresentação da Situação***

Essa etapa da sequência é o momento em que o professor deverá apresentar um problema de comunicação bem definido e claro para os alunos. O professor irá explicar, com detalhes, o que deverá ser abordado durante o processo de ensino e aprendizagem. Esse momento é de grande importância para se alcançar o êxito da proposta de ensino, pois prepara os alunos para a produção final da etapa. Ao mesmo tempo em que os prepara para a produção inicial, ou seja, para a primeira versão do gênero oral ou escrito. Após essa produção inicial, é que o professor irá preparar os módulos da sequência. Nessa etapa, o professor deverá explicitar qual o gênero textual que deverá ser abordado, quais são os destinatários dessa produção, qual a forma que assumirá esse trabalho. Após a elaboração do gênero, será feita uma coletânea de contos, uma publicação dos trabalhos desenvolvidos em um blog etc. Para esse plano de intervenção a produção final dos alunos assumirá a forma de uma coletânea de contos que deverá ser redigida de forma individual de modo que todos participem dessa produção. O importante é que os alunos tenham consciência do que será realizado e como o trabalho será desenvolvido. Desse mesmo modo, deve ficar claro o número de alunos que participarão do projeto. Outro componente que deve ficar claro nessa

apresentação são os conteúdos que irão ser explorados do começo ao fim do projeto. Por conseguinte, deverá ser explicado para os alunos os elementos característicos do gênero trabalhado, para que os alunos consigam compreendê-lo e, assim, realizar a primeira versão do gênero em estudo.

#### ***1.4.2. Primeira produção***

Na produção inicial, os alunos constroem a primeira produção textual oral ou escrita do gênero em estudo. A partir dos textos produzidos inicialmente, os alunos revelam o que eles sabem sobre o gênero em estudo e o que necessitam aperfeiçoar. Assim, a produção inicial tem papel regulador no que concerne ao desenvolvimento dos módulos. Assim, o professor deverá orientar o caminho a ser percorrido, tendo como base os conhecimentos que os alunos já dominam e os caminhos que ainda é necessário percorrer. Para os pesquisadores, [...] “a produção inicial pode ‘motivar’ tanto a seqüência como o aluno.” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY 2011, p. 101). Assim, essa primeira produção revela o que é necessário trabalhar dentro dos módulos para que a produção final seja uma escrita completa de acordo com o gênero em estudo.

#### ***1.4.3. Os módulos da seqüência***

Os módulos da seqüência didática exploram os conteúdos de acordo com as dificuldades que foram observadas pelo professor nas produções iniciais dos alunos. Assim, serão abordados os assuntos para que os alunos consigam superar essas dificuldades em relação ao gênero apresentado. Nos módulos, serão exploradas as características e estruturas composicionais de um determinado gênero. Os módulos são trabalhados de acordo com as dificuldades dos alunos, podendo ser ajustados no decorrer do processo. Os teóricos ressaltam que o procedimento da seqüência didática parte do complexo, que é a produção inicial, depois para o simples que é o desenvolvimento dos módulos e depois retorna ao complexo, que é a produção final. Cada um desses componentes é destinado à produção e ao domínio de um determinado gênero. Outro fator importante em relação aos módulos é que, além dos alunos aprenderem um determinado gênero, eles também adquirem um vocabulário técnico. Desse modo, permite-se uma atitude reflexiva e até o controle do comportamento do aluno.

#### ***1.4.4 A Produção Final***

É a etapa final do processo. É o momento de os alunos realizarem a versão final dos textos produzidos inicialmente. Após cada etapa trabalhada nos módulos, os alunos deverão redigir seus textos de acordo com o gênero abordado no projeto. Essa produção final permite também ao professor realizar avaliação somativa. Para isso, o professor deverá utilizar uma lista de constatações realizadas pelos alunos durante a sequência ou montar uma grade avaliativa. O ideal é que os alunos encontrem, de forma clara, todos os elementos que foram explorados na sequência e que constituem à avaliação. Desse modo, a avaliação servirá como uma ferramenta de apoio em relação à aprendizagem, possibilitando assim, a continuidade do trabalho ou eventuais retornos a trechos que não foram compreendidos pelos alunos.

## 2.CONTEÚDOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

<b>QUADRO DE CONTEÚDOS DA SD</b>		
<b>MÓDULO I- ESTILO DE MACHADO DE ASSIS, CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO CONTO MISSA DO GALO 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estilo, e biografia do autor (Machado de Assis);</li> <li>• Contexto de produção do conto “Missa do Galo”;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o estilo do autor;</li> <li>• Reconhecer o contexto histórico de produção do conto Missa do Galo;</li> <li>• Entender a dimensão sócio histórica do conto;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreensão e interpretação das marcas típicas do discurso machadiano;</li> <li>• Reconhecimento do texto como lugar de manifestação de valores e ideologias;</li> <li>• Compreensão do contexto sócio histórico e cultural do conto como elemento caracterizador das ações das personagens;</li> </ul>
<b>MÓDULO II- ESTRUTURA DO CONTO 7<sup>a</sup> E 8<sup>a</sup> AULA</b>		
<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução;</li> <li>• Conflito;</li> <li>• Clímax;</li> <li>• Desfecho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como se constituiu a ação da narrativa do gênero conto;</li> <li>• Apropriar-se dos elementos constitutivos do discurso narrativo ficcional em prosa;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecimento e compreensão da estrutura composicional do conto;</li> <li>• Identificação dos constituintes básicos da estrutura da narrativa no gênero conto;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir e reconhecer o gênero conto em função de sua composição;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação do conflito gerador de uma narrativa ficcional e o seu desfecho;</li> </ul>
<b>MÓDULO III- CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CONTO; 9<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço;</li> <li>• Tempo;</li> <li>• Personagens;</li> <li>• Linguagem;</li> <li>• Enredo;</li> <li>• Variação histórica da língua;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender como se caracteriza o lugar geográfico em relação ao conto;</li> <li>• Compreender a relação de tempo em função do gênero conto;</li> <li>• Assimilar como se configura as personagens;</li> <li>• Apropriar-se dos recursos discursivos do conto;</li> <li>• Criar narrativas ficcionais que utilizem cenários, observando os elementos da estrutura da narrativa, espaço tempo, personagens, linguagem, enredo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção escrita de acordo como os elementos composicionais do conto;</li> <li>• Reconhecimento dos elementos típicos do conto.</li> <li>• Identificação das características do espaço, tempo, personagens, linguagem, enredo.</li> </ul>
<b>MÓDULO IV- MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO DIÁLOGO 11<sup>a</sup>,12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo direto;</li> <li>• Diálogo indireto;</li> <li>• Diálogo indireto livre;</li> <li>• Diálogo (ou monólogo);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar e reconhecer os tipos diálogos;</li> <li>• Utilizar, ao produzir texto usando os diferentes tipos de diálogos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de textos com a possibilidade de utilização dos vários tipos de diálogos;</li> <li>• Interpretação das falas das personagens em relação aos tipos de diálogo;</li> </ul>
<b>MÓDULO V- FOCO NARRATIVO 14<sup>a</sup> e 15<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tipos de foco narrativo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar, em texto narrativo ficcional, o foco narrativo;</li> <li>• Produzir textos narrativos utilizando os diferentes focos narrativos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de textos narrativos fictícios utilizando-se dos diferentes focos narrativos;</li> <li>• Compreensão da representação do foco narrativo;</li> </ul>

<b>MÓDULO VI- TIPOS DE CONTO</b> <b>16<sup>a</sup> e 17<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contos, histórias de ação;</li> <li>• Contos de personagens;</li> <li>• Conto de cenário ou atmosfera;</li> <li>• Conto de ideia;</li> <li>• Conto de efeitos emocionais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classificar os contos de acordo com o tipo;</li> <li>• Compreender os tipos de conto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreensão da diversidade dos tipos de conto</li> <li>• Apreensão dos vários tipos de conto.</li> </ul>
<b>MÓDULO VII- ANÁLISE LINGUÍSTICA</b> <b>18<sup>a</sup> e 19<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>CONTEÚDO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pronomes Pessoais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer relações entre partes do texto, por meio do uso dos pronomes pessoais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilização dos pronomes nas produções escritas para obter a coesão textual e como estratégia discursiva.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela própria autora

### **3.CONDUÇÃO METODOLÓGICA**

A metodologia de ensino ocorrerá por meio do procedimento sequência didática postulada por DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY (2011). As aulas estão divididas em sete módulos distribuídos em quinze aulas. Sendo que uma aula será destinada à apresentação da situação de comunicação e seis aulas reservadas para a produção inicial e produção final do gênero conto, totalizando vinte e duas aulas. Durante as aulas, serão explorados os elementos que constituem o gênero conto e será realizada a análise linguística dos pronomes pessoais no conto *Missa do Galo*. Também será abordada a variação histórica da língua. O produto final desse projeto será a produção de um conto de acordo com a estrutura composicional do gênero. Para isso, o aluno se debruçará no ensino dos conteúdos explicitados a partir dos contos “*Missa do Galo*”, do autor Machado de Assis.

#### **3.1 Apresentação da Situação**

##### ***Aula 1<sup>a</sup>***

Nesta etapa, será apresentada a situação de comunicação, na qual será exposto todo o conteúdo que deverá ser trabalhado durante a execução do projeto. O professor explicará para os alunos que será trabalhado o gênero conto, e que como resultado final desse projeto os

alunos deverão produzir individualmente um conto. O docente explicará que a produção de todos os alunos fará parte de uma coletânea de contos que deverá ser exposta à toda a comunidade escolar em um evento organizado pela turma e depois dessa etapa os contos produzidos serão publicados no blog da turma para que todos possam ter acesso.

O professor dirá que para essa atividade de escrita será utilizado o conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, como texto base para ser esclarecido sobre a estrutura composicional do gênero. Depois o professor explicitará sobre os conteúdos que serão abordados em cada um dos módulos da sequência para que fique claro a proposta do plano ao mesmo tempo que prepara os alunos para realizarem a primeira versão do texto.

### **3.2 Produção Inicial**

#### ***Aulas 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>***

A partir da apresentação da situação, os alunos irão construir uma primeira versão do gênero conto, revelando assim, para o professor e para eles o que já sabem e o que necessitam aperfeiçoar sobre o estudo do gênero. Os alunos serão orientados pelo professor que redijam um conto observando os elementos que constituem o conto. O professor orientará os alunos que ao escrever é necessário que eles estabeleçam algumas ideias sobre fatos que eles querem escrever para assim começarem a sua produção. Então os alunos realizarão a primeira produção do gênero conto.

### **3.3 Módulos**

#### **Módulo – I- Contexto histórico do conto “Missa do galo”, biografia e estilo do autor (Machado de Assis)**

#### ***Aulas 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup>***

Nessa etapa, o professor distribuirá cópias do conto “Missa do Galo”, do autor Machado de Assis, para que os alunos façam uma leitura silenciosa do texto. Logo após a leitura, será explorada a biografia e o estilo do autor e o contexto histórico de produção do conto “Missa do Galo”. O professor irá explicar para os discentes que o autor do conto é um dos maiores escritores de todos os tempos do Brasil. O autor escreveu vários gêneros: contos, novelas, romances etc. será explanado também sobre seu estilo de escrever. O professor evidenciará que o estilo do autor está ligado à ironia, ou seja, ele procura fazer críticas à

sociedade oitocentista. Um exemplo dessa sociedade pode ser observado no conto *Missa do Galo*, em que são revelados os costumes daquela época. Nesse contexto, pode-se observar o papel da mulher em uma sociedade preconceituosa em que a mulher casada tinha que manter as aparências, ou seja, a mulher, mesmo sendo traída pelo marido, não se separava, visto que, ela sofreria preconceito por parte da sociedade. O professor abordará também a questão do conto em relação ao narrador, que é o próprio personagem que conta a história. E essa também é uma das características de Machado de Assis, isto é, quando lemos o conto, o narrador parece que tenta nos convencer de que, durante a conversa que teve com a personagem Conceição, surgiu um desejo amoroso por parte de ambos. Nesse momento, o professor perguntará para os alunos: após a leitura do conto, vocês acreditaram que surgiu um clima amoroso entre os dois? Porquê? O professor deverá fazer perguntas norteadoras que guiarão os alunos para melhor entendimento do conto. O professor pedirá também que os alunos comentem suas impressões, negativas ou positivas em relação ao texto lido.

Após uma breve discussão sobre isso, o professor intervirá dizendo que, ao lermos o conto, temos que observar que quem conta a história é o próprio personagem. Então, ele está contando a sua versão da história. Pode ser que não tenha existido nada além de uma simples conversa, mas que, para o personagem, deu margem a segundas intenções. Essa é uma das características da escrita machadiana: deixar que o leitor tire suas próprias conclusões da história. Nessa etapa, os alunos deverão responder uma atividade (apêndice B).

## **Módulo II- Estrutura do conto**

### ***Aulas 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>***

Nesse módulo, será explorada a estrutura composicional do conto: introdução, conflito e desfecho. O docente dirá que o gênero conto é composto de uma determinada estrutura que envolve a introdução, que é o momento em que o escritor situa o leitor sobre o que será abordado no texto (o espaço onde se passa a história, o tempo e os personagens envolvidos etc.). No conto, podemos observar que, ao iniciar a narrativa, o narrador já nos situa em relação ao tempo, isto é, ele se utiliza do tempo verbal no pretérito. O uso desse verbo é característico da tipologia textual da narração, pois são narrados fatos que já aconteceram. Contudo, dentro das narrativas, pode-se utilizar também o tempo presente. No conto “*Missa do Galo*”, pode-se constatar esse uso que se dá a partir dos discursos dos personagens presentes no conto.

Com relação ao conflito, ele se estabelece no gênero conto quando uma das personagens tem seus anseios desfeitos ou surge um acontecimento que desencadeia uma situação de impasse entre um ou mais personagens. No conto “Missa do Galo”, pode-se observar que esse conflito surge entre a personagem Conceição e o senhor Nogueira. Isto é, no momento em que Conceição surge na sala enquanto ele está concentrado em sua leitura à espera da missa do galo na corte, esse é o momento em que surge o conflito da narrativa. Contudo, esse conflito poderia ser outro acontecimento. Por exemplo, em uma novela televisiva ou um filme, há vários conflitos: uma briga, um assalto, o término de um relacionamento entre duas pessoas etc., tudo isso pode explodir um conflito. No gênero conto há apenas um conflito. Isso se deve pela característica do gênero que é uma narrativa curta, portanto, não existe espaço para vários conflitos.

O ápice desse conflito denomina-se de clímax, que é o momento culminante da narrativa, como se pode observar no conto Missa do Galo. Esse clímax é determinado quando as personagens Conceição e Nogueira se aproximam um do outro deixando transparecer que irá acontecer um romance entre os dois.

Esse clímax é rompido por um desfecho. No conto, esse desfecho se dá com o surgimento do amigo do senhor Nogueira que, ao dar meia noite, vai até a casa onde os dois personagens principais estão conversando, o amigo do senhor Nogueira chega gritando missa do galo, missa do galo. Então, esse é o momento que se constitui o desfecho da narrativa. Assim, o desfecho pode ser de vários modos: trágico, cômico, triste, alegre etc. Após essa explicação, o professor pedirá que os alunos formem grupo de quatro pessoas para que elaborem um outro desfecho para o conto. Após o término será feita a socialização dos textos produzidos pelos grupos. Para o comando dessa atividade ver apêndice B.

### **Módulo III- Características do gênero conto**

#### ***9<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> Aulas***

O professor explanará que o espaço no gênero conto é o lugar geográfico onde se passa a história. Esse espaço deve ser relativamente pequeno, podendo ser uma rua, um quarto, uma sala, um bairro etc. isso se deve pelo fato de que, no conto, há apenas um instante dramático, isto é, uma só ação que se encaminha para um só conflito. Desse modo, no conto, geralmente não há espaços secundários e, quando existe, serve apenas como pano de fundo para desencadear o conflito. Essa explicação será sempre fundamentada no conto Missa do

Galo, com o intuito de que o aluno possa verificar o espaço dramático do conto que acontece no espaço de uma sala.

Por conseguinte, o tempo da narrativa também se dá em um curto lapso temporal, tendo em vista se tratar de uma narrativa breve, isto é, se passa em dias ou em horas. No conto em estudo, esse tempo é marcado pelas horas do relógio, que é o momento da espera do senhor Nogueira para assistir à missa do galo à meia noite.

Sob o mesmo ponto de vista, destaca-se as personagens que compõem o conto. Considerando-se uma narrativa curta que ocorre em um espaço reduzido e em um tempo breve, as personagens são poucas que circulam no reduzido espaço da história. Em relação às características das personagens, são planas, estáticas, uma vez que mostram apenas um lado de sua personalidade, ou seja, começam e terminam a história sem mudar de comportamento.

Quanto à linguagem utilizada no gênero conto, essa deve ser clara e objetiva, isto é, de fácil entendimento para o leitor, portanto, dispensa o uso de muitas figuras de linguagem. Pode-se observar que “Missa do Galo” é uma narrativa de fácil compreensão. No entanto, há presente no conto uma linguagem característica do século XIX, cujos significados não são os mesmos na contemporaneidade. Isso acontece devido à dinamicidade da língua que, com o passar do tempo sofre mudanças de diferentes formas, destaco aqui as mudanças no significado das palavras e no modo de pronunciar certas palavras que em um dado contexto se pronunciava de uma forma, mas que com o passar do tempo se pronuncia de outra forma. Em relação ao enredo, diz respeito ao encadeamento dos fatos da narrativa, isto é, o enredo comporta todos os elementos do conto: espaço, tempo, personagens etc.

#### **Módulo IV- Modos de representação do diálogo**

##### ***11<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> Aulas***

Nesse módulo, o professor irá explicar os diferentes tipos de discursos que podem ser inseridos em uma narrativa. Em relação ao diálogo ou discurso direto, o docente explanará que é quando o escritor coloca as personagens para falar diretamente. Essa fala das personagens vem acompanhada por aspas ou travessão. No conto “Missa do Galo”, pode-se observar a presença desse diálogo direto com as vozes dos personagens do conto.

Quanto ao discurso indireto, esse se traduz quando o narrador se coloca a narrar as falas das personagens sem destacar a sua fala. No conto, pode-se destacar esse tipo de diálogo em alguns trechos da narrativa. Nesse momento, o professor irá mostrar para os alunos o

discurso indireto no conto para que estes compreendam a função discursiva do discurso indireto.

Em relação ao discurso indireto livre, o professor explicará que esse tipo de discurso consiste na junção da terceira e da primeira pessoa. Nesse caso, a fala da personagem ou fragmentos dela se inserem na narrativa.

Diálogo (ou monólogo) interior: o professor explicará que esse tipo de diálogo existe quando a personagem fala consigo mesma. Nesse tipo de discurso predomina o pensamento da personagem. Após isso, os alunos farão a leitura e a análise do conto *Acauã*.

## **Módulo V- Foco narrativo**

### ***14<sup>a</sup> e 15<sup>a</sup> Aulas***

Nessas duas aulas, serão explanados os quatro tipos de foco narrativo. O docente explicará que quando o personagem principal conta sua história, o narrador utiliza-se da primeira pessoa (do singular ou plural). Em relação a esse foco narrativo, o docente ressaltará que como se trata de um personagem contando a sua história, ele narrará os fatos a partir da sua visão sobre os acontecimentos e isso pode gerar uma visão limitada das coisas. Outro fator que deve ser levado em conta sobre esse foco narrativo é que o narrador, nesse caso, sempre oferecerá uma imagem positiva em relação a sua pessoa, ao passo que a imagem das outras personagens poderá ser negativa. Um exemplo desse foco acontece no conto “*Missa do Galo*” do autor Machado de Assis, pois quem narra os fatos é o próprio personagem, que conta a sua versão dos acontecimentos.

O uso desse foco narrativo traz um aspecto de verossimilhança para o interlocutor, visto que quem conta a história é alguém que faz parte da narrativa, estabelecendo uma relação de confidencialidade entre leitor e narrador como se a história estivesse sendo passada no momento exato da leitura.

Por conseguinte, quando uma personagem secundária conta a história da personagem central, há um certo distanciamento, visto que quem nos conta a história não faz parte da narrativa, é apenas testemunha dos fatos. Esse foco narrativo, assim como o anterior, pode trazer algumas questões duvidosas sobre a veracidade do que está sendo narrado. Afinal, quem está narrando não participa efetivamente da narrativa, está apenas na qualidade de observador da história. Desse modo, poderá distorcer a história de acordo com sua visão de mundo. No entanto, esse foco narrativo, por ser secundário (é uma terceira pessoa que narra

os fatos), parece não merecer muita credibilidade, pois quem conta a história não estava presente diretamente na história.

No foco narrativo em que o escritor, analítico ou onisciente, conta a história, o narrador se assemelha a uma divindade que tudo sabe sobre as personagens, ou seja, penetra até nos pensamentos e desejos mais íntimos das personagens. Entretanto, no gênero conto, por referir-se a uma história breve, impede-se que seja ultrapassado o interior mais profundo das personagens, permanecendo assim, nas primeiras camadas de sua personalidade.

Em relação ao foco narrativo em que o escritor conta a história como observador, o docente explicará que, nesse tipo de foco, o narrador se vê limitado a narrar apenas o que pode observar dos fatos. Assim, o narrador não se detém em contar os pormenores da história. Ele é apenas o observador.

## **Módulo VI- Tipos de conto**

### ***16<sup>a</sup> e 17<sup>a</sup> Aulas***

Para esse módulo, o professor deverá reservar a biblioteca para que, nas aulas sobre os tipos de conto, os alunos possam ter contato com vários contos e realizem uma seleção de livros que abordem o assunto. Durante essa etapa, o docente evidenciará que, segundo MOISÉS (2006), existem cinco grupos de contos: 1.º de ação; 2.º de personagem; 3.º de cenário ou atmosfera; 4.º de ideia; 5.º de efeitos emocionais. Assim, com o auxílio de um projetor, será explicado cada um dos tipos para que os alunos compreendam da melhor maneira possível o assunto. Logo depois, o docente solicitará que os alunos escolham alguns livros de contos para que possam verificar a qual tipo de conto pertence a narrativa.

## **Módulo VII- Iniciando uma análise linguística**

### ***18<sup>a</sup> e 19<sup>a</sup> Aulas***

Nesta aula, será explicado, de forma bem geral, sobre o uso dos pronomes pessoais no conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis. O docente evidenciará que a escolha dos pronomes não acontece por acaso e que essas escolhas não podem ocorrer em qualquer lugar do texto. Tudo está relacionado aos efeitos de sentido que o pronome estabelece em certas posições do texto, quais as pretensões de usar ou omitir um pronome, visto que em certos casos pode ocorrer a elipse do pronome, sendo facilmente detectado pelo contexto discursivo. Outro fator que deverá ser abordado em relação ao uso dos pronomes refere-se à coesão

textual, que é responsável pelo encadeamento das ideias no texto, isto é, como se deve usar o pronome para fazer referência a um elemento citado anteriormente. Desse modo, o texto vai dando continuidade pelos mecanismos da coesão em que as partes do texto vão se interligando formando um todo significativo. O professor deverá levar os alunos a compreender o valor dos pronomes nas situações reais de comunicação. Num momento posterior, o professor tratará desse assunto de uma forma mais sistematizada e técnica, buscando a orientação teórica de autores da linguística textual.

### **3.4 Produção Final**

#### ***20<sup>a</sup>, 21<sup>a</sup> e 22<sup>a</sup> Aulas***

Essa é a etapa final do processo de ensino do gênero conto. O docente deverá entregar a produção inicial dos alunos com as devidas intervenções realizadas para que, a partir delas, eles possam reler e rever o que poderá ser melhorado em seu texto. Nesta parte, os discentes já estarão familiarizados com o gênero a partir dos assuntos abordados nos módulos. Então, os alunos serão orientados a refazer o seu texto inicial observando os conhecimentos adquiridos em relação ao gênero conto. Para essa fase, o professor orientará os alunos que revisem em seus textos, verificando as sequências de ideias, a clareza, a adequação do texto à estrutura do gênero conto. O professor avaliará também as questões formais: a ortografia, pontuação, paragrafação etc. Os próprios alunos precisam avaliar os seus textos, tendo em vista que suas produções terão uma circulação.

## **4. AVALIAÇÃO E QUADRO DE ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

A avaliação deverá acontecer diariamente, isto é, não será uma atividade pontual, mas um processo gradativo assim como a aprendizagem. Na primeira atividade de escrita do aluno, o professor deverá avaliar o texto dos alunos, contudo essa tarefa não deverá ser reduzida a busca de encontrar os erros, mas deverá ser voltada para os aspectos que o aluno já domina e o que ele necessita dominar para que assim o docente consiga projetar suas ações futuras que serão desenvolvidas nos módulos da sequência. Para os pesquisadores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), essa é a essência da avaliação formativa, ou seja, a sequência inicia-se pela definição do que é preciso explorar para desenvolver os instrumentos comunicativos próprios do gênero que será abordado. Desse modo, os alunos se apropriarão das particularidades do gênero trabalhado e, assim, estarão preparados para realizar a

produção final do gênero em estudo. Essa etapa da avaliação deverá ser realizada por critérios bem definidos para que o docente consiga evidenciar, a partir dessas produções, as dificuldades reais dos alunos para que, assim, o professor possa refinar a sequência de acordo com essas informações.

De acordo com os estudiosos, o docente poderá realizar também uma avaliação somativa, mas apenas na produção final dos alunos. Esta avaliação poderá assumir uma forma de grade. Nessa grade avaliativa, deverá ser utilizado um vocabulário reconhecido por ambas as partes, professor e aluno. Essa avaliação serve para observar a aprendizagem dos alunos durante o processo e, assim, se constituir como uma forma para o professor planejar a continuação do trabalho, podendo retornar a pontos mal assimilados durante o trabalho. “Assim, ela orienta os professores para uma atitude responsável, humanista e profissional” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY (2011, p.107).

Em relação à produção escrita, os autores enfatizam que essa deve se estabelecer como uma tarefa de constante aperfeiçoamento por parte dos alunos. Os discentes devem compreender que o seu texto deve ser objeto de observação, análise e revisão. O procedimento da sequência permite que o aluno aprenda que escrever é também reescrever. Nesse sentido, a estrutura da sequência permite esse dinamismo de escrita que condiz com a produção inicial e reescrita que se configura como a produção final.

A avaliação durante a realização da sequência será realizada de forma processual, isto é, os alunos serão avaliados diariamente de acordo com os critérios pré-estabelecidos no decorrer das atividades de acordo com os seguintes requisitos observados na lista de constatações da produção inicial:

- 1- Produção escrita inicial de acordo com as características e estrutura do gênero em estudo;
- 2- O texto apresenta coesão e coerência;
- 3- O emprego adequado dos tempos e modos verbais;
- 4- A utilização dos discursos de acordo com a situação comunicativa;
- 5- Pontuação adequada ao domínio da escrita;
- 6- Ortografia;
- 7- Participação nas atividades, realização e demonstração de interesse;

## **QUADRO DE ATIVIDADES**

--

<b>QUADRO DA SD</b>		
<b>APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</b>		
<b>1ª Aula</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o gênero que será abordado;</li> <li>• Preparar -se para a produção inicial;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• explicar do que se trata o projeto, evidenciando cada etapa que será desenvolvida,</li> <li>• Expor todo o conteúdo que será abordado na execução da sequência;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Pincel;</li> </ul>
<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>		
<b>2ª, 3ª e 4ª Aulas</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir um conto de acordo com os elementos constituintes do gênero.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção escrita de um conto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cadernos;</li> <li>• Canetas;</li> </ul>
<b>MÓDULO-I- CONTEXTO HISTÓRICO DO CONTO “MISSA DO GALO”, ESTILO E BIOGRAFIA DO AUTOR (MACHADO DE ASSIS)</b>		
<b>5ª e 6ª Aulas</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o estilo do autor;</li> <li>• Reconhecer o contexto histórico de sua produção;</li> <li>• Entender a dimensão sócio-histórica do texto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura silenciosa do conto “Missa do Galo”</li> <li>• Roda de conversa;</li> <li>• Interpretação e compreensão do texto;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Material impresso do conto Missa do Galo;</li> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Pincel;</li> <li>• Caderno;</li> <li>• Canetas;</li> </ul>

<b>Módulo-II ESTRUTURA DO CONTO</b>		
<b>7ª e 8ª Aulas</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como se constitui a ação na narrativa;</li> <li>• Apropriar-se dos elementos constitutivos do discurso narrativo ficcional;</li> <li>• Produzir e reconhecer o gênero conto em função de sua composição;</li> <li>• Entender e reconhecer os elementos que compõem o gênero</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise do conto ‘Missa do Galo’</li> <li>• Produzir um final diferente para o conto Missa do Galo;</li> <li>• Socialização dos textos produzidos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Material impresso;</li> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Pincel;</li> <li>•Canetas;</li> <li>• Cadernos;</li> </ul>

<b>MÓDULO III- CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CONTO; 9<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender como se caracteriza o lugar geográfico do conto;</li> <li>• Compreender o tempo no conto;</li> <li>• Assimilar como se configura as personagens;</li> <li>• Analisar os recursos discursivos do conto;</li> <li>• Criar narrativas ficcionais observando elementos da narrativa;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar sobre as características do conto; espaço, tempo, personagens, Linguagem, Enredo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Pincel;</li> <li>• Canetas;</li> <li>• Cadernos;</li> <li>• Material impresso, conto “Missa do Galo”;</li> </ul>

<b>MÓDULO IV- MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO DIÁLOGO 11<sup>a</sup>,12<sup>a</sup> ,13<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar e reconhecer os tipos de diálogos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar sobre os vários tipos de diálogo;</li> <li>• Distribuir aos alunos contos contendo os diferentes tipos de diálogo;</li> <li>• Ler e identificar os diferentes tipos de diálogos presentes nos textos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Pincel;</li> <li>• Canetas;</li> <li>• Cadernos;</li> <li>• Material impresso do conto “Missa do galo”</li> </ul>

<b>MÓDULO V- FOCO NARRATIVO 14<sup>a</sup> E 15<sup>a</sup> Aulas</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar, em texto narrativo ficcional, o foco narrativo.</li> <li>• Analisar, em texto narrativo ficcional, o foco narrativo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar os quatro focos narrativos:</li> <li>• A personagem principal conta a sua história,</li> <li>• Uma personagem secundária conta a história da personagem central,</li> <li>• O escritor, analítico ou onisciente, conta a história,</li> <li>• O escritor conta a história como observador.</li> </ul> <p>Produzir textos utilizando os diferentes focos narrativos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Pincel;</li> <li>• canetas;</li> <li>• Cadernos;</li> <li>• Material impresso, conto “Missa do Galo”;</li> </ul>

**MÓDULO VI- TIPOS DE CONTO**

<b>16<sup>a</sup> E 17<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender os tipos de conto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar contos de acordo com o tipo;</li> <li>• Explicar sobre os contos de histórias de ação; contos de personagens; contos de cenário ou atmosfera; contos de ideia; contos de efeitos emocionais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livros de contos;</li> <li>• Projetor;</li> <li>• Notebook;</li> <li>• Canetas;</li> <li>• Cadernos;</li> </ul>
<b>MÓDULO VII- ANÁLISE LINGUÍSTICA 18<sup>a</sup> e 19<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer relações entre partes do texto, por meio do uso dos pronomes pessoais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar o uso dos pronomes pessoais no conto Missa do Galo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro branco;</li> <li>• Pincel;</li> <li>• Canetas;</li> <li>• Cadernos;</li> <li>• Material impresso, conto “Missa do Galo”;</li> </ul>
<b>PRODUÇÃO FINAL 20<sup>a</sup>, 21<sup>a</sup> E 22<sup>a</sup> AULAS</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>MATERIAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar a produção final do aluno de acordo com as características do conto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar o primeiro conto produzido de acordo com os critérios estudados sobre o gênero ‘conto’.</li> <li>• Revisar o conto produzido;</li> <li>• Reescrever o conto no caderno;</li> <li>• Produzir a versão final do conto, observando as intervenções feita pelo professor;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cadernos;</li> <li>• Canetas;</li> </ul>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta-se como uma proposta para o ensino de língua portuguesa, partindo de uma abordagem em que a centralidade é a produção do gênero conto partindo do texto base, o conto de Machado de Assis “Missa do Galo”. Será feito um breve ensaio de análise linguística voltada para o uso dos pronomes pessoais numa perspectiva textual e discursiva.

Essa proposição de sequência didática parte do que foi observado nas aulas de língua portuguesa durante a disciplina Estágio I, em que se constatou que o ensino de língua portuguesa precisa focar mais na análise e produção de gêneros textuais orais ou escritos. Do mesmo modo, deve-se recorrer à prática de análise linguística, visto que as atividades de reflexão sobre o uso da língua devem partir de textos autênticos. Em vista disso, o professor, ao selecionar as atividades de produção textual, deve compreender que ensinar aos alunos a produzir um gênero textual é colocá-los em contato com textos em que se evidencia práticas reais de uso da língua.

A proposta da sequência didática está focada no ensino do gênero conto, tendo em vista que o estudo do gênero possibilita aos alunos contato com um gênero literário em que prevalece criatividade enunciativa. Portanto, a partir do desenvolvimento desse trabalho que será abordado em sala de aula com alunos do nono ano espera-se que os alunos desenvolvam sua capacidade leitura de forma crítica e reflexiva, saibam analisar e produzir um conto de acordo com sua especificidade no que concerne os elementos estruturais e característicos do gênero conto. Por conseguinte, espera-se que os alunos consigam refletir sobre o uso dos pronomes pessoais no conto “Missa do Galo” de Machado de Assis como forma de se estabelecer a continuidade discursiva na produção escrita bem como aprender a analisar e usar os elementos linguísticos conforme as convenções da escrita.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando ‘o pó das ideias simples’**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais - Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: prosa 1**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- MACHADO de Assis. **Missa do Galo**. Disponível em:  
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000223.pdf/>>. Acesso em 16 de abril de 2018.

#### . APENDICE-A

Atividade referente a 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> aulas

1. Levando em conta o estilo de Machado de Assis de ser um crítico da sociedade, em qual passagem do texto podemos inferir essa crítica? Retire do texto um trecho que comprove sua resposta e justifique
2. No texto são reveladas as relações de poder do homem sobre a mulher da época, isto é, nos leva constatar que os papéis sociais destinados aos gêneros são desiguais, levando em consideração o mundo contemporâneo, podemos afirmar que ainda existe essa relação em que a figura do homem é vista como superior a figura feminina? Justifique sua resposta.
3. Uma das características da língua é a sua dinamicidade, no conto Missa do Galo, evidencia-se essa dinâmica de funcionamento do uso da língua. No texto podemos observar que existe algumas palavras que é característica da linguagem utilizada na época. Faça uma pesquisa utilizando o dicionário para descobrir o significado dessas palavras e anote em seu caderno.

#### APÊNDICE- B

Atividade referente a 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> aulas

4. Faça um resumo do conto Missa do galo e dê um outro desfecho para o conto. Formem grupo de quatro pessoas para essa atividade. Após o término será feita a socialização dos finais produzidos por cada grupo.

## APÊNDICE- C Grade avaliativa

<b>GRADE AVALIATIVA DA PRODUÇÃO FINAL</b>		
	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
Os alunos produziram um conto? Quantos _____		
O texto apresenta introdução?		
O texto possui o clímax?		
O texto produzido estabelece um conflito?		
O texto apresenta desfecho?		
Utilizou-se de um espaço para a narrativa?		
As personagens obedecem à unidade do conto?		
Quantas são as personagens? _____. Estão de acordo com a unidade dramática do conto?		
A linguagem utilizada é objetiva?		
Qual o tipo de diálogo utilizado? _____ Está de acordo		
O texto está coeso e coerente?		
Utilizou recursos próprios do padrão da escrita em relação a paragrafação e pontuação?		
Empregou adequadamente os tempos e modos verbais?		